

## ARTIGOS



# INVESTIGANDO A ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DE ORAÇÕES DEPENDENTES NAS FAMÍLIAS DO TRONCO LINGÜÍSTICO TUPI

Aryon Dall'Igna RODRIGUES\*  
Universidade de Brasília

Ana Suelly Arruda Câmara CABRAL\*\*  
Universidade de Brasília

## RESUMO

*Demonstra-se, com base nos princípios e procedimentos do Método Histórico Comparativo, que as orações dependentes de línguas pertencentes a sete das dez famílias do tronco lingüístico Tupi se desenvolveram a partir de complementos circunstanciais presentes no Proto-Tupi.*

## ABSTRACT

*In this paper, in accordance with the principles and procedures of the Comparative Method, it is shown that the dependent clauses of languages belonging to seven of the ten Tupi families have developed from circumstantial complements present in Proto-Tupi.*

## PALAVRAS-CHAVE

*morfossintaxe, nominalização, orações dependentes, reconstrução histórica, Proto-Tupi.*

## KEYWORDS

*morphosyntax, nominalization, dependent clauses, historical reconstruction, Proto-Tupi.*

## 1. Introdução

Neste trabalho demonstramos a hipótese de que as orações dependentes, correspondentes a orações de gerúndio<sup>1</sup> e de subjuntivo, de línguas pertencentes a diferentes famílias do tronco Tupi se desenvolveram durante o processo de desmembramento desse tronco, em que sucessivos movimentos migratórios afastaram povos Tupi da sua região de origem, no sudoeste da Amazônia, rumo a leste. A demonstração<sup>2</sup> reúne evidências de que, nessas línguas, as orações dependentes comparadas, que são as de gerúndio e as de subjuntivo, têm natureza adverbial, pois resultaram de processos de reanálise de nominalizações combinadas com morfemas casuais ou com posposições. Isto pode explicar a combinação de marcas pronominais absolutivas com os núcleos dos predicados dessas orações, bem como a propriedade que elas têm de acionar o modo indicativo II, característica das expressões adverbiais das línguas Tupi. Será também mostrado que as fontes históricas das orações dependentes das línguas orientais teriam sido análogas às construções encontradas em outras línguas Tupi atuais, tanto ocidentais quanto orientais, em que nominalizações, em sua maioria combinadas com morfemas de força adverbial, exercem funções gramaticais análogas às das orações de gerúndio e de subjuntivo das línguas examinadas, sendo as orações correspondentes com predicados verbais inovações nas línguas que as apresentam. Finalmente, os resultados da comparação também oferecem fundamentos para a hipótese de alcance histórico de que já no Proto-Tupi nominalizações combinadas com morfologia de natureza adverbial expressavam as noções de finalidade e de contemporaneidade ou sucessividade.

## 2. Alguns detalhes da distribuição de marcas pessoais no tronco Tupi

O tronco lingüístico Tupi é constituído por dez famílias lingüísticas para as quais é admitida uma origem pré-histórica comum (Rodrigues,

1986; 1999). Essas dez famílias são as seguintes: Arikém (AR), Awetí (AW), Jurúna (JU), Mawé (MA), Mondé (MO), Mundurukú (MU), Puruborá (PU), Ramaráma (RA), Tuparí (TU) e Tupi-Guarani (TG). Chamamos ocidentais as famílias AR, MO, PU, RA e TU, que se situam na bacia do rio Madeira, no sudoeste da Amazônia; as demais são as famílias orientais, cujas línguas se distribuem da bacia do Madeira para leste, nas bacias do Tapajós e do Xingu e, no caso da TG, além dessas três, também na bacia do Tocantins e na bacia platina, assim como na costa atlântica.

Um dos traços gramaticais compartilhados por línguas de diferentes famílias do tronco Tupi é o de marcarem com as mesmas formas pronominais os determinantes de nomes, de posposições e de verbos transitivos (os objetos), como ilustrado pelos exemplos do Karitiána, do Mundurukú e do Káro apresentados abaixo:

#### Karitiána (AR)

- |   |  |
|---|--|
| <p>(1) <i>ĩ-řit</i><br/> <b>1s</b>=pai<br/>         ‘meu pai’ (Storto, 1999, p.164)</p> | <p>(2) <i>an ĩ-mi-ø</i><br/> <b>2s 1s</b>=bater-NEG.IMP<br/>         ‘não me bata!’ (Storto, 1999, p. 159)</p> |
|---|--|

#### Mundurukú (MU)

- |   |   |
|---|---|
| <p>(3) <i>e d-uk-řa</i><br/> <b>2ABS R</b>-casa-CL<br/>         ‘casa de você’ (Gomes, 2003a)</p>                           | <p>(4) <i>e webe</i><br/> <b>2ABS</b>POSP<br/>         ‘para você’ (Borum, 1979, v. 3, p. 96)</p> |
| <p>(5) <i>õn e mĩ-akom</i><br/> <b>1IND 2ABS CAUS</b>-mergulhar<br/>         ‘eu mergulhei você’ (Angotti, 1998, p. 21)</p> |   |

#### Káro (RA)

- |   |  |
|---|--|
| <p>(6) <i>ocãp</i><br/> <b>o</b>-cãp<br/> <b>1s</b>=perna<br/>         ‘minha perna’ (Gabas Jr., 1999, p.149)</p> | <p>(7) <i>wat kařa</i><br/> <b>w</b>-at kařa<br/> <b>1s</b>-POSS casa<br/>         ‘minha casa’ (Gabas Jr., 1999, p.149)</p> |
|---|--|

- (8) *owihmãm*  
**o**=wihmãm  
**1s**=com  
 ‘comigo’ (Gabas Jr. 1999, p. 108)
- (9) *ŋa oʔtoy maŋaptem*  
 ŋa **o**=ʔtop-t maŋap=tem  
 3s.FEM **1s**=ver-IND.I longo=ADVZ  
 ‘ela me observou por muito tempo’ (Gabas Jr., 1999, p. 98)

Embora várias famílias Tupi tenham desenvolvido diferentes tipos de cisões (cf. Cabral e Rodrigues, 2001; Cabral, 2003; Rodrigues e Cabral, 2004), a grande maioria Delas – oito das dez – usam as mesmas marcas pessoais que se combinam com nomes, posposições e verbos transitivos também para codificar o determinante de verbos intransitivos, seja em orações dependentes e independentes (Káro, Arikém, Tuparí, por exemplo), seja só em orações dependentes (Mundurukú, Awetí, Mawé, Tupi-Guarani) (Cabral, 2003), como nos exemplos abaixo:

Káro (RA)

- (10) *oken cúrem*  
**o**=ket-t **cú**=tem  
**1s**=dormir-IND.I **grande**=ADVZ  
 ‘eu dormi muito’ (Gabas Jr., 1999, p. 98)

Karitiána (AR)

- (11) *ĩ-ta-opiso-t (ĩn)*  
**1s**-DECL.ouvir (1s)  
 ‘eu ouvi’ (Storto, 1999, p. 154)
- (12) [*ĩ-opiso*] *a-taka-kārã ãn*  
**1s**-ouvir **2s**-DECL-pensar.NFUT **2s**  
 ‘você pensou que eu ouvi’ (Storto, 1999, p. 154)<sup>3</sup>

Mesmo o Jurúna, que desenvolveu um padrão de alinhamento nominativo-acusativo, codifica por meio das mesmas marcas (acusativas) os determinantes de nomes, de posposições e de verbos transitivos, sendo

a maioria dessas marcas cognata das marcas absolutivas da maior parte das línguas do tronco.

Jurúna (JU)

- (13) *e-píza*  
 2s-canoa  
 'tua canoa' (Fargetti, 2001, p. 146)
- (14) *una e-djíkaku e-bé*  
 1s 2s-bater 2s-DAT  
 'eu bati em você' (Fargetti, 2001, p. 211)
- (15) *ena u-djíkaku u-bé*  
 2s 1s-bater 1s-DAT  
 'você bateu em mim' (Fargetti, 2001, p. 211)

Nas seções seguintes, mostraremos que o padrão absolutivo das orações dependentes de línguas de várias famílias do tronco Tupi é consequência de processos de reanálise de estruturas que, em estágios anteriores dessas línguas, teriam consistido na combinação de morfemas casuais com temas verbais nominalizados. Embora não se disponha de registros de estágios anteriores das línguas em consideração, dados de outras línguas Tupi oferecem fortes indicações desses estágios e de processos morfofonológicos comuns às línguas Tupi, que teriam contribuído para o estabelecimento das construções aqui discutidas.

### 3. Orações dependentes em Mundurukú

Na língua Mundurukú têm sido identificadas duas variedades de orações morfossintaticamente dependentes, que exprimem uma circunstância (real ou hipotética). Uma delas é marcada pela expressão de natureza adverbial **puje** 'se/quando/porque', a outra é marcada pela expressão de mesma natureza **pima** 'se/quando' (Gomes, 2003a). Nessas orações, o verbo intransitivo combina-se com clíticos absolutivos (exs. 17, 18), diferenciando-se das orações independentes, em que os verbos se combinam com clíticos nominativos (ex. 16):

- (16) *epe*='at  
**23sa**=cair.PRF  
 'vocês caíram.' (Gomes, 2003a)
- (17) [*ey*='at            **puje**] **o**=ce-wayway  
 [**23so**=cair.PRF SUB]    **1sa**=INTR-FII.PRF  
 'quando vocês caíram, eu ri.' (Gomes, 2003b)
- (18) [*i*=cokcok            **pima**]    Pedro    puybit    ũmhũm  
 [**3so**=estar.alegre    SUB]       Pedro    comida    dar.PRF  
 'quando Pedro está alegre, ele dá comida' (Gomes, 2003b)

Um outro tipo de oração subordinada identificado no Mundurukú é o que corresponde a orações de gerúndio Tupi-Guarani exprimindo finalidade (p. ex., Tupinambá *oço* Pedro *iaguara iucabo* (*lo-só* Pedro *ja?* *wár-a Ø-juká-βol* 'foi Pedro a matar a onça' – Figueira, 1621, fl. 85). Os exemplos disponíveis mostram que os verbos transitivos, quando núcleos desse tipo de oração, combinam-se com prefixos relacionais (ex. 19 e 20), e que o seu sujeito, que é correferente com o sujeito da oração principal, não é expresso:

- (19) *bekicat*    *ako-ba*    *o?*-suba-do-jot  
 criança    banana-CL    3-CL-CC-vir  
 [*wãẽ*mpi            *be*            **i**-ba-yoy-**am**]  
 [boca do forno    em            **R**-CL-assar-SUB]  
 'uma criança trouxe bananas para assar na boca do forno' (Crofts, 1985, p. 228)
- (20) *ajo*    *epe to-jot*    [**i**-bu-**am**]  
 o que    23 CC-vir    [**R**-pegar-SUB]  
 'o que vocês trouxeram para comprá-lo?' (Crofts, 1985, p. 228)

Esses dois últimos exemplos mostram também que os núcleos das orações dependentes recebem o morfema **-am**, que muito provavelmente se desenvolveu a partir da combinação de **-ap**, nominalizador de circunstância, mais o sufixo **-m**, um morfema de natureza adverbial. Esta análise permite explicar o porquê da combinação dos temas verbais com clíticos absolutivos e com relacionais, além de sugerir que o mesmo padrão



- (25) [u-i-potpa:t      **turan**]      moi      u-he-katu'u  
 [1-R-trabalhar      **quando**]      cobra      1-R-morder  
 'eu fui mordido pela cobra, quando eu estava no trabalho' (Franceschini  
 1999:185)

## 5. Orações dependentes em Awetí

Em Awetí, tanto as orações de gerúndio, quanto as de subjuntivo mantêm significativos paralelismos com as respectivas orações do Mundurukú e do Mawé. Nas orações de gerúndio, os temas verbais intransitivos se combinam com os prefixos pessoais absolutivos e os transitivos com prefixos relacionais, e todos recebem o sufixo de gerúndio **-aw** (seguindo raízes terminadas por consoante e por vogal) ~ **-taw** (seguindo raízes terminadas por j). Os exemplos que se seguem são de Ruth M. F. Monserrat (em comunicação pessoal):

- (26) i-úre      [ej-atúk-aw ]  
 2IMP-uir      [2ABS-banhar.se-GER]  
 'venha (para) banhar-se'

- (27) o-tó      [n-ekýj-taw]  
 3-ir      [R-puxar-GER]  
 'ele foi (para) puxá-lo'

- (28) o-tó      ['yp      Ø-ekýj-taw ]  
 3-ir      [pau      R-puxar-GER]  
 'ele foi (para) puxar pau'

Uma outra construção do Awetí, paralela à construção de gerúndio, é ilustrada a seguir:

- (29) peti'a      a-mõj-ju      [i-pyw-**ap-an**]  
 pequi      1SA-cozinhar-PROGR      [R-mole-NOM-FUT]  
 'estou cozinhando pequi para ele ficar mole'



- (32) anheêng      uixóbo  
 a-jeʔéŋ      wi-só-**βo**  
 1-falar      1.CORR-ir-GER  
 ‘eu falo enquanto vou’, ‘vou falando’ (Anchieta, 1595, fl. 29v)

## 6.2. As orações de subjuntivo

As orações de subjuntivo são de dois tipos, as que expressam contemporaneidade e condição (‘quando/se’) e as que expressam sucessividade (‘depois que’). As orações de subjuntivo de contemporaneidade têm sujeito diferente do sujeito da oração principal, e as orações de subjuntivo de sucessividade podem ter ou não seu sujeito correferente com o sujeito da oração principal, dependendo da língua.

### *Subjuntivo de contemporaneidade e condição*

Asuriní do Tocantins

- (33) né      φ-kató-eté-**ramo**      a-sán      ta      né      φ-pýri  
 2      R<sup>1</sup>-bom-INTENS-SUB.I      1-vir      IMIN      2      R<sup>1</sup>-junto.de  
 ‘quando você ficar/estiver boa eu venho para junto de você’ ou ‘estando você boa eu volto para você’ (Cabral e Rodrigues, 2002)<sup>5</sup>

Tupinambá

- (34) a-jeʔéŋ      né      φ-só-**reme**  
 1-falar      2      R<sup>1</sup>-ir-SUB.I  
 ‘eu falo enquanto você vai’ (Anchieta, 1595, fl. 29v)

### *Subjuntivo de sucessividade*

Tupinambá

- (35) sjé      φ-ʔéw-**ré**  
 1      R<sup>1</sup>-arrotar-SUB.II  
 ‘depois de eu arrotar’ (Anchieta, 1595, fl. 45v)
- (36) mamõ      pe      Iudeus      yandé      φ-jár-a  
 onde      INT      judeus      12      dono-ARG  
 r-era-só-w      i-pisík-**iré**  
 R<sup>1</sup>-CC-ir-IND.II      R<sup>2</sup>-pegar-SUB.II  
 ‘para onde os judeus levaram Nosso Senhor depois de pegá-lo?’ (Araújo, 1618, fl. 55)

## 7. Hipótese sobre o desenvolvimento dos sufixos do gerúndio e do subjuntivo em Awetí e Tupi-Guarani

Cabral e Rodrigues (2002) apresentaram a hipótese de que os predicados das orações de gerúndio e de subjuntivo tenham originalmente sido temas verbais combinados com morfemas casuais ou com posposições, o que explicaria, entre outras coisas, as propriedades dessas construções de (a) receberem flexão relacional e não flexão pessoal e (b) acionarem, na oração principal, o modo indicativo II, tipicamente condicionado pelos advérbios lexicais e demais sintagmas circunstanciais. De acordo com essa hipótese, as formas do gerúndio proviriam de antigas nominalizações com o sufixo *\*-áp* ~ *\*-táp*. Tais formas teriam se desenvolvido em um estágio anterior à separação das famílias Awetí e Tupi-Guarani.<sup>6</sup>

Exemplos de construções de gerúndio em línguas Tupi-Guarani são:

Asuriní do Tocantins

- (37) h-esá-páp-a                      i-há-j  
       R<sup>2</sup>-ver-completamente-GER    R<sup>2</sup>-ir-IND.II  
       ‘ele foi vendo tudo’ (Cabral e Rodrigues, 2002)

Suruí

- (38) isé-∅    i-nupó-ramu    rapo    i-so?ó-j  
       I-ARG    R<sup>2</sup>-bater-SUB.I    PROV    R<sup>2</sup>-chorar-IND.II  
       ‘se eu bater nele, ele chora’ (Cabral e Rodrigues, 2002)

O sufixo do subjuntivo de sucessividade, *-ire* ~ *-rire* teria se desenvolvido provavelmente a partir de uma posposição, que teria passado a exibir alomorfa típica de sufixos. Uma indicação de que esse teria sido o caso é encontrada em línguas como o Tupinambá, em que o cognato desse morfema, embora funcione como sufixo, leva acento, o que é um possível vestígio do estágio em que este ainda era um morfema independente.

Quanto ao sufixo do subjuntivo de contemporaneidade e de condição em línguas dos ramos I, II, IV, V, VI e VII da família Tupi-Guarani, nas

quais tem a forma *-amo* ~ *-ramo* (em contraste com *-eme* ~ *-reme* do ramo III e de algumas outras línguas), foi proposto por Cabral e Rodrigues (2002) que se teria originado pela combinação do sufixo do caso translativo *-amo* ~ *-ramo* em nomes descritivos e da extensão desse uso para temas verbais, extensão essa que teria resultado na especialização desse sufixo como marca adverbial de temporalidade e de condição, nos casos em que o determinante do verbo flexionado não é correferente com o sujeito da oração principal:

Asuriní do Tocantins

(39) né        r-oríw-amo i-há-j  
           2        R<sup>2</sup>-alegre-SUB.I R<sup>1</sup>-ir-IND.II  
           ‘estando você feliz, ele vai’ (Cabral e Rodrigues, 2002)

(40) né        r-ór-amo i-há-j  
           2        R<sup>1</sup>-vir-SUBR<sup>1</sup>-ir-IND.II  
           ‘você vindo, ele vai’ (Cabral e Rodrigues, 2002)

A hipótese apresentada por Cabral e Rodrigues (2002) é a de que o sufixo de gerúndio dos verbos tenha se desenvolvido antes do desmembramento do sub-ramo Awetí–Tupi-Guarani, nas situações em que um verbo nominalizado por meio do sufixo *\*-ap* (nominalizador de circunstância) recebia o sufixo locativo *\*-βo*. Nas línguas do tronco Tupi, nomes que exprimem uma circunstância – instrumento, ocasião, lugar etc. – são obtidos por meio da nominalização de verbos intransitivos ou transitivos com reflexos do Proto-Tupi *\*\*-ap*. Exemplos de verbos nominalizados em línguas de diferentes famílias deste tronco são: Mundurukú *ya<sup>3</sup>o<sup>2</sup>ka<sup>3</sup>ka<sup>3</sup>ap<sup>2</sup>* ‘a matança’ (Crofts, 1985, p. 216); Tuparí *eparoarap* ‘morte’ de *eparoat-* ‘morrer’ (Caspar e Rodrigues, 1957); Awetí *kĩjtap* ‘circunstância da morte’ de *kĩj* ‘matar’ (Monserrat, comunicação pessoal), Arikém *ub i-kat-ób-ɔ* ‘aqui é seu lugar de dormir’ (Nimuendajú, 1932).

Segundo essa hipótese, o sufixo do modo gerúndio teria se desenvolvido no Proto-Awetí–Tupi-Guarani, quando verbos nominalizados com *-áp* se combinavam com o sufixo adverbial *-βo*, ‘locativo difuso’ (cf. Anchieta,

1595, fl. 42v), o que ocorria nas situações em que o determinante do nome era idêntico ao sujeito: Proto-Awetí–Tupi-Guarani *\*o-két-áp-βo* / 3corr-dormir-Nom-LD/ ‘em/para sua própria dormida’.

Cabral e Rodrigues (2002) mostram como motivações fonológicas reduziram a seqüência *-áp-βo* do Proto-Awetí–Tupi-Guarani, dando origem a um novo morfema flexional. Reproduzimos aqui, de forma resumida, alguns estágios desse processo:

- No Awetí e no Tupi-Guarani consoantes supra-glotais caem em fronteira de morfema quando seguidas de outra consoante e, assim, a seqüência *-áp-βo* resultou em *-áβo*.
- Em Awetí, *-áβo* foi reduzido a *-aw*, por queda de *β*, em sílaba átona final com subseqüente assilabificação da vogal *o*.
- Em línguas Tupi-Guarani como o Tupinambá, na junção da seqüência *-áβo* com temas verbais, deu-se o encontro de duas sílabas acentuadas – a inicial do sufixo com a final do tema – e sua redução a uma só sílaba acentuada. Quando baixa a vogal final do tema, apagou-se a vogal inicial de *-áβo* (*juká* + *-áβo* → *jukáβo*, *moʔé* + *-áβo* → *moʔéβo*, *só* + *-áβo* → *sóβo*). Com temas terminados em consoante, portanto em sílaba fechada e mais pesada, preservou-se o acento original do tema e reduziu-se o sufixo à forma *-a*: (*kutúk* + *-áβo* → *kutúka*).

Cabral e Rodrigues (2002, p. 56) observam ainda que em quase todas as línguas Tupi-Guarani que mantêm reflexos de *\*-áβo*, com os temas em *-j*, o sufixo de gerúndio é *-ta* e em Awetí é *-taw*. Os mesmos autores concluem:

Embora a combinação de *-áp+βo* tenha desencadeado um processo de fusão que tornou opaca a fronteira entre os dois morfemas, o material resultante manteve a natureza nominalizadora do antigo sufixo *-áp* e a natureza adverbial do antigo sufixo *-βo*, de modo que, tanto em línguas Tupi-Guarani, quanto em Awetí, construções com essa forma não recebem prefixos de sujeito e acionam o modo indicativo II.

Dos dois exemplos abaixo do Awetí, o segundo ilustra uma construção com **-aw** < \***-áp+βo** acionando uma nominalização, que equivale ao Indicativo II das línguas Tupi-Guarani:

(41) **o-’apar-eju**                      **o-tet-aw**  
 3-estar deitado-PROGR    3CORR-dormir-GER  
 ‘está deitado para dormir’

(42) **o-tet-aw**                      **nā-to-tu**  
 3CORR-dormir-GER            R<sup>2</sup>-ir-NOM  
 ‘para dormir (é que) ele foi’

## 8. Outras evidências provenientes de línguas Tupi ocidentais

Algumas famílias Tupi de Rondônia apresentam, em suas orações dependentes, várias semelhanças com as línguas Tupi orientais, as quais podem ser tomadas como suportes adicionais para a hipótese de que as orações dependentes das línguas comparadas até aqui têm, em suas origens, nominalizações combinadas com morfologia adverbial.

As primeiras evidências vêm do Káro, família Ramaráma. Gabas Jr. (1999, p. 200) descreve um tipo de oração dependente do Káro, que corresponde às orações do subjuntivo das línguas mencionadas acima, formado pelo elemento modificador **kanāp**:

(43) **ōn**    **aʔwĩn**                      [**∅**    **aʔto**    **kanāp**]  
          **ōn**    **aʔ=wĩ-t**                    [**∅**    **aʔ=top**    **kanāp**]  
          1s    3s=matar-IND.I            [3s    3s=ver    Tempo]  
          ‘eu o matei quando o vi’ (Gabas Jr., 1999, p. 201)

O morfema **kanāp** – interpretado por Gabas Jr. como “Tempo” – é, na nossa análise, resultado da fusão do nome **kanā** ‘coisa’, que funciona também como nominalizador (exs. 44 e 45), com o reflexo do PT \*\*-pe “locativo”.

- (44) o=kera Kanã  
 o=ker-a Kanã  
 1s=sleep NOM  
 'meu lugar de dormir' (Gabas Jr., 1999, p. 77)
- (45) wat ip ?iya kanã  
 wat ip ?iy-a kanã  
 1s peixe pegar-GER NOM  
 'meu lugar de pegar peixe' (Gabas Jr., 1999, p. 77)

Duas outras línguas de Rondônia, o Mekéns e o Tuparí, ambas da família Tuparí, possuem um tipo de construção análoga às orações subordinadas de gerúndio das famílias Tupi-Guarani, Mawé, Awetí e Mundurukú. Essa construção é constituída de uma forma verbal nominalizada por meio de reflexo do PT **\*\*ap** combinada com o morfema **na**, que em Mekéns é analisado como um verbalizador (Galúcio, 2001):<sup>7</sup>

- (46) ãsi asisi peropka-a-t [tiero motkwa-**ap** na]  
 mãe milho cozinhar-TEM-PASS [chicha fazer-NOM VERB]  
 'minha mãe cozinhou milho para fazer chicha' (Galúcio, 2001, p. 200)

Além da combinação de temas verbais nominalizados por meio de **-ap** com o morfema adverbial do exemplo anterior, o Mekéns apresenta um morfema que Galúcio (2001, p. 196-198) chama de partícula subordinadora, a qual marca construções equivalentes a construções temporais/condicionais (*se/quando*). Trata-se da expressão *kaabese/abese*, a qual, na nossa hipótese, é derivável da combinação de **-ap** mais a posposição locativa **-ese**:

- (47) Tiero obaat ka Abese o-ti-ora ôt kwayõpi=bõ  
 chicha muita ingerir se/quando 1S-mijo-ir 1 noite=DAT  
 'Se/quando eu bebo muita chicha, eu mijo de noite' (Galúcio, 2001, p. 198)

- (48) o-ka kot kaabese i-ko pa=ẽ te  
 1s-ingerir FUT.IM se/quando OD-ingerir FUT=tu FOC  
 pe=ia perek ki  
 OBL=lagoa comprida água  
 ‘tu podes me comer, se/quando tu beberes toda a água dessa lagoa comprida’  
 (Galúcio, 2001, p. 275)

Em Makuráp, língua da mesma família Tuparí a que pertence o Mekéns, complementos circunstanciais correspondem a orações subordinadas de outras línguas Tupi:

- (49) o ateraet me on e pe apitera  
 o+atet-ap-et me on e+pe+ apitet-a  
 1+andar-nom-gen loc 1 2+em+ pensar-imperf  
 ‘quando eu ando, eu penso em ti’ (Braga, 2005, p. 175)

## 9. Discussão

Os dados apresentados neste estudo fornecem indicações suficientes para fundamentar a hipótese de que as construções de gerúndio e de subjuntivo de línguas como Mundurukú, Mawé, Awetí e línguas Tupi-Guarani resultaram da combinação de temas verbais nominalizados com sufixos de natureza adverbial. Em línguas como as Tupi-Guarani, Awetí e Mundurukú, essas antigas combinações sofreram processos de fusão, resultando em reanálise (verbo + Nom + sufixo casual > verbo-sufixo modal/subordinador: Awetí e Tupi-Guarani V-**áp**+**βo** e Mundurukú V-**ap**+**m**) e subsequente gramaticalização de uma nova estrutura. Outras evidências de que essas tenham sido as fontes dos sufixos modais nessas línguas provêm do Mawé, língua estreitamente relacionada com o Awetí e com o Tupi-Guarani (Rodrigues, 1985; Rodrigues e Dietrich, 1997). No Mawé, a combinação verbo+Nom. de circunstância+morfema casual ainda é segmentável. Dados de outras línguas Tupi, como o Mekéns, o Tuparí e o Káro mostram que essas combinações podem datar de um estágio comum a essas línguas, como o estágio Proto-Tupi.

Outro fato de importância histórica para o qual a discussão desenvolvida até o presente aponta é o de que o padrão absolutivo, que caracteriza as orações dependentes do Mundurukú, do Mawé, do Awetí e do Tupi-Guarani – línguas cujas respectivas histórias são marcadas por múltiplas cisões no sistema original de alinhamento – tem sua origem no uso de marcas absolutivas em sintagmas posposicionais e sintagmas nominais flexionados por morfologia casual, que tinham por complemento ou por núcleo, respectivamente, nomes ou verbos nominalizados.

Por fim, os dados utilizados para demonstrar a hipótese de desenvolvimento de predicados verbais intransitivos com alinhamento absolutivo em Awetí, Tupi-guarani e Mundurukú reforçam a proposta de Gildea (1998) sobre as línguas Karib acerca de inovações morfossintáticas resultantes de reanálises, de extensões e de línguas em contato. Para Gildea, essas inovações deixam marcas nos diferentes padrões, o que torna possível determinar não apenas a fonte do padrão gramatical inovador, mas também o mecanismo que permitiu a inovação. No caso das inovações aqui demonstradas, contribuíram não só os vestígios que permaneceram mesmo depois da mudança morfossintática, mas também os dados de outras línguas Tupi que mantiveram as construções originais.

## Notas

- \* Aryon Dall'Igna Rodrigues é doutor em Lingüística pela Universidade de Hamburgo (1959), foi professor de Lingüística e Antropologia na UFPR (1960-1962) e de Lingüística na UnB (1963-1965), pesquisador no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1966-1973), professor de Lingüística na UFRJ (1970-1973), na UNICAMP (1973-1988), na UnB (1988-presente). Foi professor visitante nas universidades de Montevideú, México (UNAM), Cornell, Califórnia (Berkeley), Leiden (Holanda), Muenster (Alemanha), PUCRS, UFMG, USP, UFE, UFSC, UFPA. É professor emérito da UnB, bolsista de produtividade científica A do CNPq, coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da UnB e co-líder do Grupo de Pesquisa Línguas Indígenas desta universidade.

\*\* Ana Suelly Arruda Câmara Cabral é doutora em Lingüística pela Universidade de Pittsburgh (1995), com pós-doutorado na UnB. Foi professora de lingüística na UFPA (1996-2002) e o é atualmente na UnB (2003-), onde integra a equipe do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras e é co-líder do Grupo de Pesquisa Línguas Indígenas. É bolsista de produtividade científica B do CNPq. Tem-se dedicado principalmente a línguas amazônicas, com trabalho de campo no alto Solimões, (língua Kokáma), no baixo Xingu (línguas Araweté e Asuriní do Xingu), no médio Tocantins (língua Asuriní do Tocantins) e no Cuminapanema (língua Zo'ê). Desenvolve e orienta também pesquisas histórico-comparativas sobre línguas dos troncos Tupi e Macro-Jê.

- 1 Na literatura sobre línguas do tronco Tupi, “gerúndio” designa as orações com sujeito idêntico ao da respectiva oração principal. Para as orações com sujeito diferente do da principal, aqui chamadas de subjuntivas, os gramáticos antigos aplicavam o termo “futuro do conjuntivo” (Anchieta, 1595, fl. 26) ou “modo conjuntivo” (Figueira, 1621, fl. 11).
- 2 Os símbolos e abreviaturas usados neste trabalho e suas respectivas glossas são: ABS = absoluto; ADVZ = adverbializador; AC = acusativo; AG = agente; ARG = argumento; ASP = aspecto; C = caso; CAUS = causativo; CC = causativo comitativo; CL = classificador; COL = coletivo; CORR = correferencial; DAT = dativo; DECL = modo declarativo; FEM = feminino; FOC = foco; FUT = futuro; GER = gerúndio; H = humano; IMIN = iminente; IMP = imperativo; IND = indicativo; IND.I = modo indicativo I; INT = interrogação; MED = voz média; NEG = negação; NFUT = não futuro; NOM = nominalizador; O = objeto; OBL = oblíquo; OD = objeto direto; PASS = passado; PL = plural; POSP = posposição; POSS = posse; PR = pronome; PRF = perfectivo; PROGR = progressivo; PROV = provavelmente; R = relacional; R<sup>1</sup> = prefixo relacional que sinaliza no tema dependente que o seu determinante é a expressão nominal contígua precedente; R<sup>2</sup> = prefixo relacional que sinaliza no tema dependente que este está relacionado a um determinante, mas que não forma com este uma unidade sintática; REFL = reflexivo; S = singular; Sa = sujeito de intransitivos ativos; So = sujeito de intransitivos estativos; SUB = subjuntivo; TEM = tempo; TR = transitivo; VERB = verbalizador; 1 = primeira pessoa; 2 = segunda pessoa; 3 = terceira pessoa; 23 = segunda pessoa do plural.
- 3 Storto (1999, p. 153-154) observa que em Karitiána não há concordância em sentenças encaixadas, “quando o verbo está invariavelmente na posição final com relação aos seus argumentos”. Um exemplo ilustrando isso é [*in opiso*] a-

*taka-kārã an* /1s ouvir 2s-decl-pensar-nfut 2sg/ 'você pensou que eu ouvi' (p. 154). Mas em nota de rodapé Storto observa que na mesma oração encaixada o pronome pode se cliticizar ao verbo, embora não co-ocorra com o pronome livre: [*i-opiso*] *a-taka-kārã ãn* /1s ouvir 2s-decl-pensar-nfut 2sg/ 'você pensou que eu ouvi' (p. 154).

- 4 -**amo** ~ -**ramo** em predicados descritivos.
- 5 Nas glosas, as abreviaturas R<sup>1</sup>, R<sup>2</sup>, R<sup>3</sup> e R<sup>4</sup> identificam os prefixos relacionais de referente (1) contíguo, (2) não contíguo, (3) humano genérico e (4) correferente com o sujeito da oração.
- 6 A propósito da relação histórica do Awetí com o Tupi-Guarani, ver Rodrigues e Dietrich, 1997, p. 265 e 300.
- 7 Galúcio (2001) descreve duas partículas subordinadoras para o Mekéns: **kaabese** (ou **aabese**) 'se/quando' e **kana** (ou **kanapōrã**) 'por esta razão', as duas formas de cada partícula correspondendo a diferenças dialetais (p. 71). Note-se o paralelismo da forma **kanapōrã** com a forma do Káro **kanāp**.

## Referências

- ALMEIDA, A. *et al.* *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprográfica Xerox, 1983.
- ALVES, Poliana M. O léxico do Tuparí. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Araraquara, 2004.
- ANCHIETA, Joseph de. *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra, 1595. (Reproduções fac-similares: Leipzig: Teubner, 1876; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1933; São Paulo: Anchieta, 1946; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1980; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1981; São Paulo: Loyola, 1990; Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1998).
- ANGOTTI, Mary Lourdes de O. *A causativização em Mundurukú: Aspectos morfo-sintáticos*. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

ARAÚJO, A. *Catecismo na língua brasilica*. Reprodução fac-similar da 1ª edição (1618). Apresentação de Pe. A. Lemos Barbosa – professor de Língua Tupi na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1952.

BRAGA, Alzerinda. *Aspects morphosyntaxiques de la langue Makurap/Tupi*. Tese (Doutorado), Université de Toulouse-Le Mirail, Toulouse, França, 2005.

BURUM, Martinho (Red.). *Aypapayũ'ũm'ũm ekawên*: histórias dos antigos, Mundurukú-Português. Brasília, 1977: v. 1; 1978: v. 2; 1979: v. 3.

CABRAL, Ana Suelly A. C. Grammatical changes in Tupi languages. Trabalho apresentado no Annual Meeting of the Linguistic Society of America, Atlanta, 2003.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, Aryon D. Marcas pessoais em Tupi. Trabalho apresentado no *I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém, 2001.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, Aryon D. O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupi-Guarani. Comunicação apresentada no *XVII Encontro Nacional da ANPOLL*, Gramado, RS, 2002.

CASPAR, Franz; RODRIGUES, Aryon D. *Versuch einer Grammatik der Tuparí-Sprache*. Ms., 1957.

CROFTS, Marjorie. *Aspectos da língua Mundurukú*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1985.

FARGETTI, Cristina M. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. Tese (Doutorado), UNICAMP, Campinas, 2001.

FIGUEIRA, Luis. *Arte da língua brasilica*. Lisboa, 1621.

FRANCESCHINI, Dulce. *La langue sateré-mawé*: description et analyse morphosyntaxique. Tese (Doutorado), Université Denis Diderot – Paris VII, Paris, França, 1999.

GABAS Jr., Nilson. *A grammar of Karo, Tupi (Brazil)*. Tese (Doutorado), University of California at Santa Barbara, 1999.

GALÚCIO, Ana V. *The morphosyntax of Mekens (Tupi)*. Tese (Doutorado), University of Chicago, Chicago, 2001.

GILDEA, Spike. *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GOMES, Dionei M. Cisão na classe de intransitivos em Mundurukú. Comunicação apresentada durante o *II Encontro Nacional do GELCO*, Goiânia, outubro de 2003a.

GOMES, Dionei. *Subordinação em Mundurukú*, 2003b. (Inédito)

LEITE, Y. F. *Aspectos da fonologia e morfologia Tapirapé*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977.

MONSERRAT, R. M. F.; IRMÃZINHAS DE JESUS. *Língua Asuriní do Xingu: observações gramaticais*. Belém: Conselho Indigenista Missionário, 1998.

NIMUENDAJÚ, Curt. Wortlisten aus Amazonien. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, n. 24, p. 93-119, 1932.

RESTIVO, Paulo. *Arte de la lengua guarani*. Pueblo de Sta. María la Mayor, 1724. (Reprodução: Stuttgart, 1892).

RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo tupi. *Letras*, Curitiba, n. 1, p. 121-152, 1953.

\_\_\_\_\_. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 27-28, p. 33-53, 1985.

\_\_\_\_\_. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. Tupí. Em: R. M. W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (Org.), *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 107-124, 1999.

RODRIGUES, A. D.; DIETRICH, W. On the Linguistic relationship between Mawé and Tupi-Guarani. *Diachronica, International Journal for Historical Linguistics* n. 14, v. 2, p. 265-304, 1997.

RUIZ DE MONTOYA, A. *Arte y vocabulario de la lengua guarani*. Madri, 1640. (Reprodução fac-similar integral: Madri, Cultura Hispânica, 1994; Reprodução fac-similar somente da *Arte*: Assunção, Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 1993).

STORTO, Luciana R. *Aspects of Karitiana Grammar*. Tese (Doutorado), Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1999.